



O AGIR NAS SOMBRAS DOS SERVIÇOS SECRETOS BRITÂNICO E NORTE- AMERICANO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Raquel Anne Lima de Assis

Doutoranda em História
Comparada pela Universidade
Federal do Rio de Janeiro
(PPGHC). Integrante do Grupo
de Estudo do Tempo Presente
(GET/UFS/CNPq). Email:
raquel@getempo.org.
Orientador: Dr. Dilton Cândido
S. Maynard (PPGHC/UFRJ-
UFS/DHI).

Resumo: O objetivo deste texto é analisar aspectos da atuação dos serviços secreto dos Estados Unidos e da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Tais atividades foram empreendidos por duas instituições responsáveis por ações de espionagem: o *Special Operations Executive* (SOE), da Inglaterra, nascido em 1940, e o norte-americano *Office Of Strategic Services* (OSS), surgido em 1941. Essas agências procuravam ajudar a organizar movimentos de resistência em países ocupados pelo Eixo ao enviar seus agentes para treinar seus integrantes em diversas técnicas de luta. Desta forma, analisaremos manuais desenvolvidos por ambas as agências que tinham como objetivo ensinar técnicas de disfarces, defesa pessoal e uso de armas de fogo. Respectivamente são: *Manual of Disguise* (1944), o *All in Fighting* (1942) e o *Sten Gun Manual* (1944). Esses documentos eram sigilosos, de uso interno e serviam como manual de campo para os agentes secretos que repassavam, após treinamentos, seus conteúdos aos integrantes dos movimentos de resistência nos países ocupados pelo Eixo para dificultar o cotidiano das tropas inimigas.

Palavras-chaves: Segunda Guerra Mundial; espionagem; serviço secreto; resistência.

Abstract: The aim of this work is to analyze aspects of the espionage services of the United States and England during World War II (1939-1945). Two institutions were responsible for those services: the British *Special Operations Executive* (SOE), arisen in 1940, and the American *Office Of Strategic Services* (OSS), born in 1941. For this purpose, we analyze the manuals developed to the training of its spies in techniques of disguise, fight and fire gun. Theses manuals are: *Manual of Disguise* (1944), the *All in Fighting* (1942) and the *Sten Gun Manual* (1944). These documents were confidential, of internal use, and were applied as manuals of field so the secret agents would pass, after trainings, its contents to the members of the resistance movements in the countries occupied by the Axis in order to disrupt the daily life of the enemy troops.

Keywords: Second World War; espionage; secret service; resistance.



1. Introdução

“Neste campo, era um sargento alemão que nos mostrava explosivos e nos ensinava como usá-los. Estes explosivos eram para ser colocados em tanques de gás. Por meio de um dispositivo magnético, eu acho, eles penetrariam a massa metálica. Nos foi mostrado também uma pequena engenhoca com um fusível que era colocado dentro. Poderia ser regulado para qualquer tempo desejado, e pesava em torno de 500 gramas. Eles também nos mostraram como fazer uso de uma pequena bomba incendiária em forma de pera que continha um líquido. Esta pesava 200 gramas e era feita, eu acho, de mica. Para fazê-la funcionar, era necessária uma caixa de fósforos, e era preciso esfregar a parte mais estreita com ele para obter uma luz. Só era preciso lançar essa bomba para iniciar um incêndio. Elas eram destinadas a incendiar os cultivos e pilhas de milho. Em seguida, havia outro tipo de armadilha, para ser usada em ferrovias. Para acendê-la, uma pequena lâmpada elétrica era colada no trilho com os dois elementos no espaço permitido entre os trilhos para a expansão do metal. A bomba era colocada próxima a ele e quando a locomotiva esmagasse a lâmpada, a corrente era transmitida para a bomba causando a explosão. Todas estas bombas eram de fabricação britânica.

Esta aula durou quadro dias. Alguns de nós foram mandados para trabalhar no front. Finalmente, chegou a minha vez. Me foram dadas oito bombas, quatro que deveriam ser usadas em tanques de gás e quatro em ferrovias. Eu iria para um local chamado ‘CHTADA’ próximo de Túnis, ocupada pelos Aliados. Além do trabalho de sabotagem, eu estava para trazer informações relativas as posições das tropas e o tipo de material bélico mantido lá.

Eu fui incapaz de cumprir esta missão, pois fui preso pelas sentinelas alemães no posto avançado. Estes soldados, ao me encontrarem com material fabricado na Inglaterra, me mandaram para a estação policial militar mais próxima, e notificaram seus superiores. Por dois dias fui mantido prisioneiro, então me libertaram. Eu fui mandado de volta para meu posto sob escolta e contei ao sargento instrutor o que aconteceu. Ele me disse que sabia sobre tudo. Se eu me lembro corretamente, minha primeira e única missão foi realizada em abril de 1942” (Tradução da autora).

Abdelkader Ben Bouih Ben Cheikh Jouatte, agente árabe que trabalhava para o serviço secreto alemão, interrogado pelo OSS em Marrocos, dezembro de 1943 (OSS, **German Agent Parachuted into Marocco**, 1941-1945).

O trecho acima é parte do interrogatório em que Jouatte explicou aos agentes norte-americanos como foi realizado seu treinamento em operações de espionagem. Esse espião se entregou e forneceu informações de quais eram os objetivos dos alemães, quais eram os alvos que pretendiam atacar por meio de sabotagem, nomes de outros agentes e qual era sua missão. Neste caso ele deveria coletar informações sobre possíveis alvos de destruição em ações de sabotagem. Entretanto, não foi informado

por qual motivo Jouatte se entregou, o que sabemos é que esse tipo de atividade se enquadra no que pretendemos estudar nesse texto, serviço secreto e atividades clandestinas durante a Segunda Guerra Mundial.

Para isso, analisaremos duas instituições do serviço secreto que foram responsáveis na realização dessas ações: a agência britânica *Special Operations Executive* (SOE), nascida em 1940, e a norte-americana *Office of Strategic Service* (OSS), surgida em 1941. Desta maneira, nosso objetivo é analisar aspectos da atuação desses órgãos em ações de espionagem a partir de manuais de treinamento dos seus espiões. O objetivo era enviar esses agentes para territórios ocupados pelo Eixo e ajudar a organizar movimentos de resistência contra a ocupação inimiga.

Eles eram enviados para territórios ocupados pelo Eixo para preparar esses grupos clandestinos com técnicas de sabotagem, guerrilha, manuseio de armas, defesa pessoal e disfarce. Também agiam na propaganda contra o inimigo para afetar a moral das tropas. Antes de ensinar essas técnicas a esses movimentos, os espiões passavam por treinamentos através de manuais produzidos e utilizados por ambas as agências. Material este que deveria cumprir a função de “manual de campo” nas ações de espionagem, sabotagem e propaganda dos Aliados. Eram documentos sigilosos e de uso interno, logo, não eram distribuídos para o grande público. Os agentes tinham acesso a esse material e, em seguida, deveriam ensinar seu conteúdo aos integrantes dos movimentos de resistência. Dentre esses manuais analisaremos o *Manual of Disguise* (Manual de disfarce), *All in Fighting* (Todos na luta) e o *Sten Gun Manual* (Manual da metralhadora *Sten Gun*)

Quando surgiu, o principal objetivo do SOE era realizar operações especiais em países ocupados pelo Eixo através de sabotagem, propaganda e guerrilha. Atividade de inteligência, ou seja, coleta, análise e interpretação de informações era de responsabilidade maior de outra agência britânica desde 1909, o *Secret Intelligence Service* (SIS), mais conhecido como MI6. Mas, isso não excluiu o fato do SOE também produzir inteligência, como fizeram na Holanda e no Extremo Oriente. Entretanto, M.R.D. Foot afirma que para o chefe do OSS, William Donovan, o SOE era fraco em coletar informações (FOOT, 1991, p. 296). Isso sugere a possibilidade de que o principal objetivo do SOE eram as Operações Especiais mais do que a Inteligência Secreta. Portanto, essa agência procurava, principalmente, incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, organizar e auxiliar movimentos de resistência e instigar ações de sabotagens e guerrilha.

O surgimento do SOE foi impulsionado pela crise em Dunquerque¹ e pela falha do SIS em uma operação de sabotagem na Suécia em uma instalação portuária de exportação de minério. Políticos,

¹ Falamos aqui da evacuação dos soldados ingleses na cidade francesa de Dunquerque em 1940 mediante a ocupação nazista. Cf.: HASTINGS, Max. **Inferno**: o mundo entre guerra 1939-1945. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012, p. 386.

burocratas e espiões britânicos perceberam a necessidade de organizar os diversos mecanismos de sabotagem, propaganda e resistência em um único corpo para trabalhar no exterior de forma reconhecida. Tratava-se de traduzir em ação a vontade de Winston Churchill em “incendiar a Europa” e tendo como líderes Hugh Dalton (Ministro da Economia de Guerra) e o diretor executivo Colin Gubbins.

Quanto ao OSS, que foi o precursor da CIA (Agência Central de Inteligência), era uma agência de serviço secreto norte-americana com o objetivo de coletar informações, fornecer inteligência e empreender operações especiais e clandestinas no teatro da Segunda Guerra Mundial para dificultar a ocupação do território pelo inimigo (BULL, 2013, p. 06-7). Tal instituição agia em: guerra clandestina; setores de pesquisas e análises; ações de espionagem; operações especiais; inteligência secreta e em grupos operacionais que agiam em operações militares de guerrilha. Uma das formas utilizadas era tentar incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, instigando e desenvolvendo ações de sabotagens e propaganda. Seu campo de ação era a Europa, Norte da África e Ásia, chegando a 40 escritórios no exterior. Enquanto a América Latina e a própria segurança interna dos Estados Unidos, isto é, a contraespionagem, eram responsabilidades do FBI.

O OSS ao ser criado pela Casa Branca durante o governo de Franklin Roosevelt foi inicialmente chamado de *Co-ordinator of Information* (Coordenação de Informação ou COI). Sua mudança de nome para OSS (1942) ocorreu depois da entrada do país na guerra diante do ataque japonês a base de Pearl Harbor no Havaí, em 1941, que culminou na declaração de guerra. Idealizada e liderada pelo milionário William Joseph Donovan, a agência surgiu diante da necessidade de Roosevelt em se preparar para um possível conflito, pois a ameaça do Eixo era iminente. Foi nesta ocasião que ele percebeu que seu sistema de inteligência era ineficiente.

Segundo Waldo Heinrichs, os estadunidenses não possuíam informações para montar uma estratégia adequada na preparação para a guerra (HEINRICHS, 1991, p.08-9). Inclusive já havia espionagem japonesa nos EUA antes mesmo do ataque a Pearl Harbor (FARAGO, 1961, p. 166-7), enquanto os próprios americanos não acreditavam que os japoneses fossem atacá-los. Neste sentido, o ataque a Pearl Harbor representou uma falha no serviço de inteligência e espionagem.

Estados Unidos e Inglaterra tiveram, no contexto dos seus respectivos serviços secretos, trajetórias muito semelhantes. Ao contrário das tensões em torno dos seus exércitos nacionais, uma relação de parceria parece ter sido mais rapidamente desenvolvida entre o OSS e o SOE. Evidência desta cooperação pode ser observada no fato de que coube aos agentes britânicos prepararem os americanos em um centro de treinamento no Canadá (chamado *Camp X*), ou ainda pelo fato do OSS fornecer suprimentos e inteligência ao SOE em algumas oportunidades.

2. Enganar e conhecer

Numa guerra o uso da informação procura prever ações do inimigo e, assim, conduzir suas forças armadas. Desta forma, entendemos o conceito de inteligência, na perspectiva de John Keegan, como a coleta, interpretação e análise de informações para conhecer o inimigo, suas fragilidades, seus pontos fortes e seus planos. Segundo o autor, para que possua efeito satisfatório é necessário que as informações sejam obtidas em tempo real (KEEGAN, 2006). Assim sendo, é fundamental que hajam comunicações rápidas para que as informações cheguem ao teatro de operações a tempo de serem utilizadas nas elaborações das estratégias e táticas.

Uma das formas utilizadas pela inteligência para coletar essas informações e até mesmo desinformar (oferecer informações erradas para enganar o inimigo) é através da espionagem. Conforme Eva Horn, espionagem consiste em operações secretas empreendidas por espiões com meios clandestinos para enganar e conhecer. Ou seja, “é a luta pela vantagem no que é conhecido, um jogo de esconder e revelar, informação e desinformação” (HORN, 2003, p. 06). O critério mais importante não é a verdade, tampouco a falsidade, mas a eficácia tática. O conhecimento como arma para obter vantagem estratégica.

Segundo André Luís Wolosyn, a espionagem tem como objetivo transmitir informações sobre o inimigo para proporcionar uma ampla visão da situação, e assim, apontar tendências e elaborar estimativas (WOLOSYN, 2013, p. 136-7). Os tipos de informações são, por exemplo, comportamento do inimigo, localização de instalações sensíveis, situação econômica do país, capacidade industrial e tendência dos governos nas abordagens de diversas situações. Essas informações podem ser coletadas pela infiltração de agentes entre os inimigos, para que possam relatar sobre os alvos de observação.

Portanto, espionagem significa conhecer o inimigo. Trata-se de obter informações sobre aquilo que está escondido ou tentam esconder. Desta forma, são necessárias atividades clandestinas, que envolvem mentiras, segredos, atividades enganosas, vantagens da surpresa, distração, desinformação, vigilância, técnicas operacionais, infiltração, camuflagem etc. Em outras palavras, é uma guerra secreta por meio de intrigas e armadilhas. Podem parecer ações “imorais”, mas que constituem um fator importante para ajudar a vencer guerras e que foram utilizadas em diferentes batalhas na história.

Como afirma Carl Clausewitz, informação é “o conjunto de conhecimento relativo ao inimigo e ao seu país, e por consequência, a base sobre a qual se fundamentam as nossas próprias ideias e os nossos atos” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 79). Nos conflitos modernos, como na II Guerra Mundial, essas informações poderiam ser coletadas por interceptação e decifração de mensagens (SIGINT – *Signals Intelligence*); reconhecimento aéreo (IMINT - *Imagery Intelligence*) e agentes secretos (HUMINT – *Human Intelligence*).

É neste cenário que aparece o espião. Na clássica obra de Sun Tzu, *A Arte da Guerra*, o espião era dividido em cinco tipos: espiões locais, eram os próprios habitantes do território local; espião interno, eram os oficiais do inimigo; espiões convertidos, era utilizar de espiões inimigos presos para seus próprios propósitos; espiões condenados, era fazer certas atividades abertamente com o objetivo de enganar e permitir que esses espiões soubessem delas e informassem ao inimigo; e espiões sobreviventes, eram aqueles que retornam do território inimigo trazendo informações (TZU, 2014, p. 152). Sendo assim, o espião ou agente secreto era o intermediário da guerra secreta ao coletar e transportar informações. Fazendo isso se passando pelo inimigo ou por estrangeiro.

Dentre esses temos o caso de Garbo, um agente duplo que se vendeu aos alemães como pró-nazista na Grã-Bretanha. Trabalhando para os britânicos, sua tarefa era fornecer informações falsas aos oficiais alemães. Isso auxiliou para o sucesso do Dia D com identificações de divisões Aliadas inexistentes. Contribuindo, assim, para erros de avaliação cometidos pelo Exército Alemão em relação aos pontos de desembarque dos Aliados (KEEGAN, 2006, p. 346). Também podemos citar a mudança de alvos das Armas V (uma arma alemã de artilharia de longo alcance para bombardear cidades e causar terror a população local e tida pelos alemães como uma possível solução milagrosa para vencer a guerra, o que não foi) graças à disseminação de informações distorcidas, contribuindo para diminuir os danos na Inglaterra. Neste caso não foi mérito dos agentes falsos, mas de um homem chamado Ostro, baseado em Madri (Ibidem, p. 347).

A partir dessas ideias um caso nos chama atenção por ter sido o único agente quádruplo durante a Segunda Guerra Mundial. Era o hindu Bhagat Ram Talwar, cujo codinome dado pelo espião britânico Peter Fleming, irmão de Ian Fleming (oficial da inteligência naval britânica e autor dos romances de espionagem de James Bond), era Silver. Este agente conseguiu enganar os italianos, os alemães, os soviéticos, os britânicos e os japoneses. Sua lealdade estava voltada para os indianos e o Partido Comunista (BOSE, 2016). Esta rede de contato se iniciou quando ele precisou escoltar o revolucionário indiano Subhas Bose para o Afeganistão por ser procurado pelos britânicos, que tinham a Índia como parte de seu império. Assim, entrou em contato com o embaixador italiano Pietro Quaroni em Kabul, que ficou impressionado com a habilidade de Silver.

Quaroni queria que Silver coletasse informações sobre a Índia e fornecesse explosivos para grupos anti-britânicos naquele país. Contudo, devido ao alto preço cobrado pelo agente, esse foi encaminhado para trabalhar com os alemães. Mas Silver fornecia aos nazistas informações erradas que foram criadas com a ajuda de um amigo escritor de ficção. Com a Operação Barbarossa² (1941), a

² Invasão dos alemães ao território soviético que quase culminou na derrota da URSS, tendo os alemães chegado próximo a Moscou. Entretanto, devido à grande extensão do território russo, a chegada do inverno rigoroso e a força da resistência local formada pelos soviéticos, os alemães, que mesmo mais equipados e alimentados não estavam preparados para esse

devastação da URSS e por sua filiação comunista, Silver decidiu entrar em contato com os soviéticos para ajudá-los. Em seguida, tornou-se agente conjunto daquele país com os britânicos. Foi neste contexto que conheceu Peter Fleming que o enviou para Nova Délhi para fornecer informações erradas a Berlim. Sem o conhecimento de Fleming, em uma de suas viagens entrou em contato com os alemães para se infiltrar no serviço secreto japonês. Assim, conseguiu extrair detalhes destes sobre agentes enviados para a Índia, ajudando Peter Fleming a convertê-los em agentes duplos a serviço da Grã-Bretanha (BOSE, Op. cit).

3. Agindo nas sombras

Para agir desta forma, nas “sombras”, uma das características fundamentais do espião é se infiltrar entre os inimigos sem ser notado. A espionagem requer segredo e dissimulação para alcançar seus objetivos. É uma ação contra o oponente em seu território, mas sem que ele perceba, pelo menos até certo ponto. Isso não era diferente entre os agentes ingleses e americanos que precisavam desembarcar em território inimigo e organizar a resistência contra ele. Para isto era necessário o uso de disfarces. Consequentemente, eram treinados para aprender sobre camuflagem com a ajuda do *Manual of Disguise* e, assim, passar despercebidos em campo hostil para sua própria proteção e de seu equipamento.

Produzido em 1944, pelo *Office of Strategic Service*, este documento ensinava como os agentes deveriam se vestir apropriadamente em determinadas situações para se tornarem “invisíveis” em países ocupados, e como aplicar simples dispositivos que poderiam ser facilmente adaptados no campo. Estes últimos poderiam ser utilizados em fuga, roubos ou cópias de documentos, por exemplo. Desta forma, instruía a se parecer mais alto, mais baixo, mais magro ou mais gordo; mudar a aparência do rosto, do cabelo ou das mãos; o cuidado com a postura e o andar; trocas rápidas e etc. Essas técnicas de disfarce poderiam ajudar a se vestir apropriadamente a depender da região, ou se parecer com um soldado do Eixo. Ou ainda a esconder documentos roubados em dispositivos camuflados. Se fosse necessário até recorriam a cirurgias plásticas.

Existiam dois tipos de mudanças, ambas precisavam ser rápidas, mas uma era mais improvisada, aproveitando o que tinha em mãos para parecer mais um na multidão. Portanto, levando em consideração o tipo de roupa que estava utilizando e o distrito em que estava localizado. Assim, por exemplo, de um banqueiro poderia se transformar em um morador de rua. A outra era mais bem

clima, assim como os russos, se depararam com uma forte ação de guerrilheiros e de sabotadores atrás de suas linhas para causar todo estrago e perturbação possível ao atacar seus exércitos e suas instalações. Desta forma, recuaram diante do contra-ataque russo até Berlin, culminando em sua derrota para o Exército Vermelho (soviético) ocupando parte da Alemanha. O aumento da resistência guerrilheira soviética cresceu junto com a força do Exército Vermelho. C.f.: EVANS. Richard J. **O Terceiro Reich em guerra**. Trad.: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2012.

preparada, sem precisar reunir o material necessário de última hora. Era uma forma mais cuidadosamente trabalhada com antecedência para o efeito mais rápido e melhor possível (**Manual of Disguise**, 1944, p. 134-5). Exemplo de um soldado alemão.

No primeiro tipo o espião poderia mudar a forma do corpo aparentando ser mais alto ao colocar um pedaço de papel no sapato, abaixo do calcanhar, levantando a aba do chapéu ao máximo ou suspendendo a calça e amarrando um cinto. Também poderia “diminuir de tamanho” achatando o chapéu, dobrando um pouco os joelhos ou enchendo os bolsos laterais, por exemplo. Mudanças também poderiam ser feitas no cabelo, no rosto e nas mãos, como colocar pedaços de algodão nos dentes para o rosto parecer mais cheio ou sob os lábios superiores ou inferiores; retirando ou cortando o bigode ou fazendo um com um pedaço de cabelo e adesivo; molhando as mãos e esfregando em um pedaço de ferrugem para tornar a cor da pele mais escura; utilizando fuligem de um aquecedor ou de fogão para escurecer os cabelos e sobrancelhas, entre outras formas (*Ibidem*, p. 135-9).

Também eram observadas a postura e o andar de pessoas de diferentes classes e idades. Ou imitando até mesmo um deficiente que manca com a perna curta, com paralisia de um lado do corpo, ou fazer parecer estar sem um dos braços ao usar dois casacos e escondendo uma manga de um deles. Sem esquecer dos adereços que poderiam atribuir personalidades como os cigarros e cachimbos. Mas, com atenção se eram fáceis de serem adquiridos no local, seus tipos e as formas de segurá-los. Para isso era necessário estudar as pessoas ao redor (*Ibidem*, p. 139-41). Esses são alguns exemplos de disfarces ensinados no manual que poderiam ser feitos através do improviso.

Já os disfarces mais elaborados eram produzidos com maior antecedência. Poderiam utilizar tinta na pele ou pó em diferentes tonalidades, criar um bigode, selecionando a melhor forma, cor e tamanho para encaixar no personagem; se documentos falsos fossem utilizados, era preciso ter cuidado com a aparência da foto e estudar bem as informações que poderiam ser perguntadas; uso de óculos; e o cuidado em esconder o material de disfarce. Em seguida, ao assumir o disfarce completo, realizar a sequência de forma premeditada para cumprir o que é mais importante primeiro, caso o tempo não fosse suficiente para finalizar o trabalho (*Ibidem*, p. 141-3).

Contudo, apesar destes exemplos serem aplicados para ambos os sexos, alguns eram exclusivos às mulheres. As transformações nos cabelos eram um truques dos mais simples e efetivos, com diferentes tipos de penteados e utilizando recursos que nem sempre precisavam recorrer a um salão. Uso de maquiagem, tendo atenção porque em algumas partes do mundo era proibido, poderia alterar as linhas e formas dos lábios e sobrancelhas. Se não quisesse ser notada uma espiã deveria se esforçar para parecer tímida, velha ou triste. Caso contrário, com ar de *glamour*, um especialista em maquiagem ajudaria. Também uma mulher de 30 ou 40 anos poderia parecer mais velha utilizando roupas mais escuras, um vestido cinza ou terno; retirando placas dentárias removíveis; com o uso de

cabelos brancos ou grisalhos; e sem esquecer das mãos e pescoço, que deveriam estar em conformidade. Até mesmo o caminhado deveria ser observado para melhor incorporar o personagem (*Ibidem*, p. 143-44).

Essa criação de um personagem por meio de disfarces relaciona-se, de certo modo, com aquilo que observa Nobeit Elias, a preocupação das pessoas perceberem o quanto estamos em conformidade com o padrão idealizado de comportamento daquele meio. No caso analisado pelo autor sobre aqueles que possuíam um bom comportamento para serem considerados civilizados e bem educados, os separando socialmente dos considerados incivilizados (ELIAS, 1994. p 65-108). Ainda conforme Elias, em cada época são estabelecidos certos padrões de bom comportamento. Quando há um estranhamento ou reprovação significa a presença destas regras que criam uma “parede” entre o que é considerado civilizado e o incivilizado. Ou seja, o desconforto com alguns comportamentos é porque estes estão fora das regras, conseqüentemente, criam um mal-estar. Estes sentimentos de reprovação são justamente a “parede” mencionada ou separação do que é ou não considerado civilizado (*Ibid.*, p 65-108).

Estas normas de bom comportamento são interligadas com a estrutura social a qual foram criadas. Não são regras impostas, mas que fazem parte do cotidiano e da convivência social em conformidade com a organização da sociedade. Quando há transformações nestes padrões estes não ocorrem de forma abrupta, e sim através de um processo lento com mudanças e permanências. Ao realizar este considerado bom comportamento há uma projeção de uma autoimagem. Por isso, o agente, que era um estranho naquele meio, deveria projetar uma imagem sobre si em conformidade com o padrão estabelecido do local para se misturar na multidão.

Sendo assim, era destacada no manual a importância de observar os costumes locais para se parecer como um deles e não criar um estranhamento. Como o próprio manual afirma sobre o uso do cigarro como parte do disfarce e a forma de manuseá-lo conforme o local, “estude as pessoas a sua volta e isso se tornará cada vez mais evidente. Estude a si mesmo, também, para ver se você tem desenvolvido hábitos peculiares ao fumar que podem ser notados. Se assim for, livre-se deles” (**Manual of Disguise**, 1944, p. 141, Tradução nossa)³. Portanto, o espião deveria se tornar um deles, adotar os hábitos da população local. Em outras palavras, projetar uma imagem de membro daquele meio social.

Para isso não somente roupas, maquiagens, acessórios, posturas e formas de andar eram necessários, chegavam ao ponto de recorrer a cirurgias plásticas. Um exemplo foi R.R. Hutchinson, um político de Westminster enviado a Cap Gris Nez, na França. Ele costumava visitar essa região

³ Study the people around you and this will become increasingly evidente. Study yourself, also, to see if you have developed peculiar habits in smoking that might be noticed. If so, get rid of them”.

todos os anos e foi enviado para coletar informações sobre a artilharia costeira, pois o reconhecimento aéreo era inevitavelmente detectado e não havia ainda informantes franceses disponíveis. Entretanto, por ser muito conhecido em Cap e para evitar atrair suspeitas, Hutchinson fez uma cirurgia plástica para alterar seus traços. Ainda com os curativos da cirurgia coletou informações sobre peças de artilharia de longo alcance ao redor do território (FARAGO, 1996, p. 94).

Mas, não bastava apenas se transformar, os espões também precisavam esconder seus equipamentos, utilizando também a camuflagem como forma de segurança. Um exemplo era o *Plaster Logs*, um tronco de madeira com uma cavidade para esconder armas e munições. Com semelhante função para esconder munições, explosivos e material incendiário havia o *Plaster Vegetables and Fruit*, que eram vegetais e frutas falsos feitos de gesso que poderiam ser abertos, possuindo em seu interior uma cavidade. Além de madeiras de ferrovias e pontes para guardar *Sten Gun*; parafusos que ao se abrir poderiam conter um explosivo; ou ao contrário, uma bomba em formato de uma garrafa de vinho, de um livro ou de lata de Shoyo muito utilizada no Japão (**Catalogue of Special Devices and Supplies**, 1945).

Todos estes procedimentos, que nos parecem adivinhos de cenas de filmes do agente secreto 007, eram desenvolvidos por cientistas e especialistas para a segurança do agente e sucesso da missão, pois era imprescindível o sigilo neste tipo de operação. Isso tornava necessário o cuidado com os mínimos detalhes, como a conformidade das peças de roupa com o personagem e com o local. Um espião disfarçado de mecânico não poderia utilizar roupas íntimas de seda, por exemplo. Para isso não economizavam em quantidade. O estoque de roupas em um mês de 1944 era em média de 20 mil artigos (Ibidem). Para completar o figurino utilizavam também acessórios adquiridos antes da guerra ou por meio de refugiados e, desta forma, caracterizavam o personagem.

4. E se precisasse lutar?

Nem sempre era possível agir sem ser detectado, em algumas situações era necessário lutar e pegar em armas. Mesmo que não agissem em campos de batalha, o que tornava o elemento furtividade ainda essencial. Sendo assim, dois manuais faziam parte do material de instrução para espões, o *All in Fighting* e o *Sten Gun Manual*, tendo seus conteúdos também repassados aos movimentos de resistência nos países ocupados. Eram formas de lutas para também agir nas “sombras” na medida do possível.

O *All in Fighting*, de 1942, depois publicado nos EUA como *Get tough*, foi um manual do Capitão W. E. Fairbain sobre técnicas de lutas desarmadas ou com facas, isto é, defesa pessoal. Também se informava sobre pontos de pressão letais do corpo; uso de objetos como cadeiras, caixas de fósforos, pequenas varas ou canos; como desarmar o inimigo; e como assassiná-lo. O propósito era

treinar os agentes para matar os inimigos os atacando em pontos estratégicos do corpo; a agirem de forma mais discreta possível e a esconderem suas armas em locais menos prováveis de serem descobertos. Antes da guerra, Fairbairn era instrutor de defesa pessoal na *Shanghai Police* e em 1940 foi empregado no Reino Unido (BULL, 2013, p. 55). O responsável por ensinar estas técnicas aos agentes SOE foi Bill Sykes, especialista em boxe chinês e que era capaz de escalar cercas de arames sem se machucar nem soar o alarme.

Nestas diversas técnicas ensinadas no *All in Fighting* o espião aprendia como desferir golpes com as mãos e com as pernas, como se posicionar, executar e praticar para que fossem realizados de forma rápida e eficiente. Para isso também aprendiam quais os melhores alvos no corpo do inimigo e como se livrar de um contraataque. Por exemplo, o golpe com a borda da mão. Com os dedos esticados, o polegar estendido e utilizando a borda da mão, o espião aprendia como atingir, de forma mais rápida possível, os pulsos, o antebraço, o bíceps, o pescoço, os rins ou a base da espinha (**All In Fighting**, 1942, p. 56). Ou ainda, a empurrar o oponente pelo queixo; utilizar de pontapés caso seja agarrado pela cintura pelo inimigo como forma de defesa; matá-lo com pontapés caso estivesse no chão; aplicar golpes com o joelho quando um estiver muito próximo do outro; se livrar de estrangulamentos e aplicar um contragolpe com uma chave de braço; morder a orelha e agarrar pelos testículos em um abraço de urso, entre outros (Ibidem, p. 56-65).

Podemos citar também exemplos de técnicas com usos de objetos. Assim, com o manual o espião aprendia a utilizar uma cadeira para se defender de um oponente armado com faca, o atacando com um ou mais pernas da cadeira contra seu corpo; a se livrar de uma arma apontada em sua cintura pelo oponente com uma caixa de fósforo, o atingindo na mandíbula em um movimento circular capaz de se livrar da mira da arma; e como matar utilizando um pequeno bastão. Além de desarmar o inimigo em posse de uma arma de fogo se estivesse preso na mira (Ibidem, p.66-72).

Mas, os agentes aprendiam também a agir caso estivessem do outro lado. Ou seja, a utilizar uma arma de fogo. Para isso existia o *Sten Gun Manual*, criado pelo *The War Office*, em 1944, o manual para ensinar a montar, carregar, utilizar e limpar a metralhadora da SOE mais utilizada pelas forças de resistência por ser simples, barata, possuir munição de fácil acesso (9mm, incluindo alemã e italianas) e pelo seu poder de fogo a curta distância. Além da capacidade para lançamentos aéreos e de fácil ocultação. Milhões de *Sten Gun* foram distribuídas pelo SOE, sendo utilizadas tanto para serviços clandestinos como para palcos de guerra das forças oficiais. Inclusive foi a arma utilizada para assassinar Reinhard Heydrich na *Operação Anthropoid*⁴.

⁴ Cf.: O filme *Anthropoid* (2016) sobre esta operação.

Engenhocas como estas não eram desenvolvidas apenas para matar e explodir. Alguns dispositivos foram criados para diversas funções que pudessem ajudar nas missões de furtividade dos espões. Dentre uma variada gama podemos citar alguns exemplos, como o aparato de respiração embaixo d'água que consistia em um tubo de oxigênio que durava em torno de uma hora e meia, o *Amphibian*. Ou o *Mucuna*, um pó que causava coceira na pele. Além de meios de transporte como submarinos para uma pessoa, o *Welman*.

Foram cerca de 6.600 toneladas de material produzido pela SOE (SEAMAN, 2001, p. 07): dispositivos, explosivos, armamento ou disfarces, mas, todos estes, assim como o combate corporal por meio da defesa pessoal, tinham como objetivo uma forma de luta diferente do campo de batalha. Era um combate com princípios de furtividade para espionar, produzir inteligência, sabotar e resistir. Essas técnicas, armas e equipamentos refletem este tipo de luta do agente secreto e da resistência, uma luta valendo-se da astúcia por não trata-se de um confronto direto, e sim nas “sombras” com a ajuda de todo este aparato.

Como afirma Clausewitz, “quanto mais fracas forem as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais acessível esta será à astúcia” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 217). Portanto, aquele que não possui meios de impor sua vontade contra o oponente, neste caso a população local contra as forças do Eixo, torna-se submetido à imposição do adversário. Porém, encontra, através ações no seu cotidiano, formas de resistência e defesa. Era essa prática que os manuais procuravam ensinar e tinham os agentes secretos como porta-vozes. As técnicas aqui analisadas são exemplos de astúcias empreendidas no dia-a-dia pelos mais *fracos* contra os mais *fortes*. Em outras palavras, eram ações do cotidiano praticadas pelos *fracos* que aproveitam as oportunidades para atingir de alguma forma, mesmo que com o mínimo de efeito militar possível, os *fortes*. São *táticas* contra as *estratégias* citadas por Michel Certeau que se caracterizam como astúcias em uma relação de poder (CERTEAU, 2011, p. 91).

Essas mesmas operações se caracterizam como “uma disputa entre fortificações e suporte de armas leves de um lado, e mobilidade e armas pesadas que clareia o caminho para o atacante por outro lado”. Para Jervis é possível aplicar uma defesa mesmo contra uma força larga e bem equipada (Ibidem¹). Ou seja, apesar dos nazistas serem militarmente superiores no território ocupado, isso não impediu que agentes do SOE e do OSS organizassem uma guerra secreta contra as tropas inimigas por meio de sabotagens e guerrilha com ajuda dessas técnicas e dispositivos analisados nesses manuais. O objetivo era afetar a logística do inimigo para comprometê-lo no momento do ataque final.

Eram operações especiais que podemos chamar de ações encobertas (*Cover Action*). Esse tipo de atividade tem como objetivo influenciar outros governos e organizações a seguirem um comportamento que favoreça os interesses daqueles que organizam e conduzem essas ações. Dentre os

tipos de operações encobertas estão o apoio a grupos locais no empreendimento de sabotagens, guerrilhas, guerras subterrâneas, operações paramilitares, terrorismo etc (CEPIK, 2003, p. 67). O envolvimento pode ser através de suporte financeiro, fornecimento de armas, inteligência, treinamento e forças combatentes especializadas neste tipo de operação.

Segundo João Manoel Roratto, operações encobertas são resultados de atividades de Inteligência que podem ser definidas como:

um conhecimento, organização e atividades que resultam: (1) na coleta, análise, produção, difusão e na utilização especializada de informações relativa a outros governos, grupos políticos, partidos, forças militares, movimentos ou outras associações que dizem respeito a grupos ou a segurança governamental; (2) na neutralização ou na contraposição de atividades similares realizados por outros grupos, movimentos ou governos; e (3) **em atividades encobertas, realizadas para influir na composição e comportamento de grupos e governos**
* (RORATTO, 2012, p. 37-8 – Grifo da autora).

Portanto, o OSS e o SOE empreenderam operações especiais que possuíam caráter militar de guerra, mas não convencional. São classificadas como especiais em relação as instituições militares e secreta devido à tentativa de proteger os indivíduos participantes e pelo caráter de suas atividades. Conforme Bernardo Wahl G. de Araújo Jorge, “embora as unidades especiais devam atuar o mais discretamente possível, a fim de preservar o elemento essencial de seu modo de agir – a surpresa - sua ação prescinde de medidas clandestinas e de agentes secretos” (ARAUJO, 2012, p. 106). Ainda segundo o autor, ações do SOE, e neste caso podemos acrescentar também o OSS, são classificadas também como Operações de combate não convencionais (*Ibidem*). Trata-se de ações de comandos e de forças especiais que através de sabotagem e guerrilha atacam a retaguarda do inimigo. Era o desejo de Churchill de “incendiar a Europa”.

Ao escolher trabalhadores e guerrilheiros para executarem suas missões, o OSS e SOE conseguiam combinar esse elemento de surpresa, pois eram civis que estavam inseridos no cotidiano do inimigo sem supostamente levantar suspeitas. Ou que estariam escondidos nas selvas e que poderiam atacar sem serem vistos. Um dos principais grupos do OSS, especialista neste tipo de ação, foi o *Detachment 101* em Burma (Myanmar ou Birmânia, sul da Ásia Continental) contra os japoneses em operações subversivas de sabotagem e guerrilha e serviço de inteligência ao coletar informações.

Com a ajuda da população local, o objetivo do OSS nessa região era fazer com que a China permanecesse na guerra contra o Japão. Para isso, era preciso libertar estradas no território de Burma para que os americanos pudessem fornecer suporte aos chineses, já que seus portos foram ocupados pelos japoneses em 1938. Assim, o *Detachment 101* foi responsável pela segurança desta rota por meio de uma guerra nas selvas com ataques surpresas de guerrilha e sabotagem (SACQUETY, 2013, p. 04).

Essa segurança é um conceito que pode ser analisado através de diversas perspectivas dentro das Terias das Relações Internacionais. Na linha do realismo ela é, em poucas palavras, vista como proteção contra ameaças de invasões por meio da capacidade técnica e militar (PONTES, 2015, p. 12). Assim, “a soberania nacional e o equilíbrio de poderes, que são distribuídos entre os diversos Estados, estão indiscutivelmente associados ao que se entende por segurança” (*Ibidem*).

Estudos de segurança e defesa fazem parte de um subcampo das Relações Internacionais que tem no realismo uma de suas linhas teóricas. Seguindo o paradigma de Tomas Hobbes que defende o estado de natureza do homem da “guerra de todos contra todos” e a necessidade de criação de um Estado para controlar esse contexto de anarquia (HOBBS, 2014), o realismo aplica tal concepção para as Relações Internacionais e a segurança nacional. Tal perspectiva defende que na arena internacional os Estados lutam entre si, fazendo da diplomacia e da guerra os principais meios para alcançar as causas nacionais.

Sendo assim, a teoria do realismo entende segurança e defesa como a salvaguarda contra ameaças externas através das disputas de poderes. Ou seja, segundo Helga Haftendorn, para o realismo as relações entre os Estados são reguladas através de interesses e uma balança de poder em que se sobressaem aqueles com poder suficientemente coerente e forte. Ainda conforme a autora, somente ao final da Segunda Guerra Mundial que esses teóricos “reconheceram que um sistema de segurança duraria apenas se dependesse tanto da renúncia à força quanto do respeito aos direitos humanos” (HAFTENDORN, 1990, p. 07 – tradução da autora).

Portanto, segundo Stephen M. Walt, os estudos de segurança são definidos como os estudos da ameaça, uso e controle da força militar para garantir a independência, soberania e fronteiras dos Estados. Trata-se de explorar as condições que “fazem o uso da força mais provável, as maneiras que a força afeta os indivíduos, Estados e sociedades, e as políticas específicas que os Estados adotam para preparar, prevenir e empreender uma guerra” (WALT, 1991, p. 212). Contudo, ainda conforme o autor, apesar das ameaças militares serem os perigos mais sérios enfrentados pelos Estados em sua segurança nacional, não são os únicos (Idem, p. 213). Como exemplo, podemos citar o controle de armas, diplomacia, gestão de crises, agendas econômicas e ecológicas, entre outros.

Essa perspectiva pode ser pensada para analisar a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente pelo uso do serviço secreto. A Alemanha se tornou uma ameaça para os Aliados, o que culminou na ocupação de diversos territórios na Europa e na África. Para ajudar a libertá-los, foram construídas redes de colaboração entre as agências de espionagem britânica e norte-americana e os movimentos de resistência formados pela população local. Através de operações especiais, o SOE e o OSS empreenderam medidas de segurança para tentar defender o território e expulsar a ameaça externa e, assim, manter a soberania e independência desses locais.

5. Considerações finais

A partir da análise das ações desses serviços secretos podemos concluir que até mesmo armas e lutas de defesa pessoal eram pensadas como formas de astúcias. Eram destinadas a ações de furtividade e não para o combate em campos de batalha, como fazia um soldado de patente. Para isso, era preciso se esconder até o momento certo de agir e, desta forma, garantir sua proteção, pois a espionagem é dissimulação. Isso fazia necessário o uso de disfarces e camuflagens, reproduzindo, desta forma, uma imagem para se enquadrar no meio em que estava inserido e parecer um deles. Portanto, deveriam ser observados detalhes desde a sua aparência até seus comportamentos e hábitos.

Tais ações nos mostram que a guerra não é feita apenas de soldados em campos de batalha, carregando suas armas, explosivos, conduzindo tanques, ou de bombardeios de aviões e navios. A guerra age em diversas instâncias da vida cotidiana dos civis, é uma guerra total que vai além do *front*. Isso foi verificado nas ações de resistência contra o Eixo empreendidas pelo OSS e SOE. Mesmo não sendo definitivas para a vitória dos Aliados, essas ações faziam parte dos modos encontrados para enfraquecer o inimigo, nem que fossem atrapalhando seu cotidiano. Tornando sua dominação mais difícil.

Fontes

M.O.1. (S.P.) THE WAR OFFICE. Catalogue of Special Devices and Supplies, Copy No. 34, 1944. In: *Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons*. Canada: The Lyons Press, 2001.

M.O.1. (S.P.) THE WAR OFFICE. Catalogue of Special Devices and Supplies. Copy No. 148, Vol. 2, 1945. In: *Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons*. Canada: The Lyons Press, 2001.

OFFICE OF STRATEGIC SERVICE. *German Agent Parachuted into Marocco*. In: Record Group 226: Records of the Office of Strategic Services, 1919 – 2002. Series: Algiers Field Station Files, 1941 – 1945.

OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, *Manual of Disguise*, 1944.

SPECIAL OPERATIONS EXECUTIVE, *All In Fighting*, 1942.

THE WAR OFFICE, *Sten Gun Manual*, 1944.

Referências bibliográficas

ARAÚJO JORGE, Wahl G. De. História Secreta das Forças Especiais. In: : *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, n. 7, jul. 2012, p. 106.

BOSE, Mihir. Secrets and lies of a master spy: The agent who fooled the British, Russians, Italians, Japanese and the Nazis during WW2. In: *The Telegraph*, 2016. Último acesso: 23/12/2016 às 16:54. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/2016/12/09/secrets-lies-master-spy-agent-fooled-british-russians-italians/>

BULL, Stephen. Introduction. In: *The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945)*. London: Conway, 2013.

CEPIK, Marcos A. C. *Espionagem e democracia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 67.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 17. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CLAUSEWITZ, Carl. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Nobert. A Civilização como Transformação do Comportamento Humano. In: ELIAS, Nobert. *O processo civilizador: uma historia dos costumes*. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1994.

EVANS. Richard J. *O Terceiro Reich em guerra*. Trad.: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2012.

FARAGO, Ladislav. *A Guerra Secreta: História da Espionagem na II Guerra Mundial*. Lisboa: Edições 70, 1961.

- FOOT, M.R.D. The OSS And SOE: An Equal Partnership? In: CHALOU, George C. (org). *The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II*. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 295-300.
- HAFTENDORN, Helga. The security puzzle: theory-building and discipline-building International Relations. In: *International Studies Quarterly*. v. 35, n. 1, 1990, p. 07.
- HASTINGS, Max. *Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945*. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- HEINRICHS, Waldo. The United States Prepares For war. CHALOU, George C. (org). *The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II*. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- HORN, Eva. *Knowing the Enemy: The Epistemology of Secret Intelligence*. Translation from the German by Sara Ogger. Published in Grey Room 11, May 2003.
- JERVIS, Robert. Cooperation under the security dilemma. In: *World Politics*, v. 30, n. 2, 1978.
- KEEGAN, John. *Inteligência na Guerra: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda*. Trad.: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PONTES, Marcos Rosas Degaut. O que é Segurança? In: *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, n. 9, maio 2015, p. 12.
- RORATTO, João Manuel. Acepções e Conceitos de Inteligência de Estado. In: *Revista Brasileira de Inteligência*. Brasília: Abin, n. 7, jul. 2012, p. 37-8.
- SACQUETY, TROY J. *The OSS in Burma: Julgle War against the Japanese*. University Pressa of Kansas, 2013, p. 04.
- SEAMAN, Mark. Introduction. In: *Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons*. Canada: The Lyons Press, 2001.
- TZU, Sun. *A Arte da Guerra*. Tradução para o português por Neury Lima. São Paulo: Novo Século, 2014, p. 152.
- WALT, Stephen M. The Renaissance of Security Studies. In: *International Studies Quarterly*, Vol. 35, No. 2 (Jun., 1991), p. 212.
- WOLOSYN, André Luís. *Guerra nas Sombras: Os bastidores dos serviços secretos internacionais*. São Paulo: Contexto, 2013.